

DISCURSO DA URBANIDADE: uma análise do crescente aumento de moradores de apartamentos no Tocantins

DISCOURSE ON URBANITY: an analysis of the growing increase in apartment residents in Tocantins

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO: Diante do objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, este artigo mobiliza o reconhecido método da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais, a saber: as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. Esses, depois de postos em marcha no processo de descrição e interpretação das relações de poder no texto sob exame, efetivam a proposição traçada para esta investigação. Entre os resultados encontrados, tem-se a relação entre o dispositivo midiático, veículo de enunciado, relacionando-se tanto à formação discursiva conservadora quanto à episteme desenvolvimentista.

Palavras-chave: Discurso da urbanidade; Arquegenealogia; enunciado; dispositivo midiático; episteme desenvolvimentista.

ABSTRACT: In view of the objective of examining the power relations that constitute the discourse of urbanity present in the news “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), published on the information portal G1, on March 4, 2024, this article mobilizes the recognized method of Discourse Analysis, through some of its operational concepts, namely: the notions of discursive formation, utterance, device and episteme. These, after being set in motion in the process of describing and interpreting power relations in the text under examination, implement the proposition outlined for this investigation. Among the results found, there is the relationship between the media device, vehicle of utterance, relating to both the conservative discursive formation and the developmental episteme.

KEYWORDS: Discourse of urbanity; Archegenealogy; Statement; Media device; Developmental episteme.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É de conhecimento geral que a população das cidades é mais densa do que a vivente no campo, por uma série de fatores, entre esses se encontram: condições de trabalho, uso dos serviços públicos de saúde, de escolarização e de segurança. Sob a perspectiva da mudança de prioridades e da busca por espaços, em tese, ordenados para

¹Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

o desenvolvimento dos elementos da socialização urbana, tem-se um panorama que atravessa e constitui uma nação, que até bem pouco tempo era predominantemente agrícola, como sua zona rural densa em habitantes, e volta-se para a projeção de seu lastro no futuro de novos espaços desenhados para uma arquitetura coletiva.

Como o Brasil possui um quantitativo expressivo de cidades de pequeno, médio e grande porte, suas configurações referem-se a um caleidoscópio de causas, oriundas, em algum grau, da expansão de pequenas vilas à grandes metrópoles. Nesse direcionamento, “De toda maneira, vivemos já um novo patamar de integração territorial brasileira com uma nova qualidade do sistema urbano, não apenas por causa da maior densidade da configuração territorial, mas também por causa de sua maior espessura” (SANTOS, 1994, p. 125). Em forma de paráfrase do que Santos (1994) afiança acerca do processo de urbanização, tem-se que o reflexo fundamental da ocupação do solo brasileiro, conforme diretrizes de uso e da proporcionalidade distributiva de suas funções públicas e privadas, equipara-se ao ocorrido em países mais antigos.

Em uma visada compreensiva acerca da repercussão da remodelagem urbana, Orlandi (2011), na base da composição semiótica formatada pelos usos de locais, afirma: “A cidade é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem certos gestos em relação a essa memória – são gestos de interpretação dela – se está transformando, modificando, ou não esta memória” (ORLANDI, 2011, p. 698). Dessa maneira, tanto o que se diz sobre a cidade, e seus recortes geográficos, quanto ela mesma configura leituras que, por legítima extensão, são sentidos discursivizados. Por meio desse mirante, em conjunção com o domínio do saber das estruturas do poder (FOUCAULT, 2012) organizativas do circuito coletivo, pode-se tomar o discurso da urbanidade como passível de descrição e interpretação.

Diante da viabilidade analítica acima apontada e da demanda pela execução desse expediente, pauta-se para este artigo o objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024. Para tanto, mobiliza-se o reconhecido método da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais. Para melhor disposição do plano argumentativo-textual a ser desenvolvido, este artigo é segmentado por seções designadas em negrito adiante. **Considerações**

teórico-metodológicas, nas quais são explicitadas as noções de formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. **Análise: discurso da urbanidade no Tocantins**, na qual os operadores mencionados são postos em marcha no processo de descrição e interpretação das relações de poder no texto sob exame. Por fim, as **Considerações finais**, nas quais se verificam as possíveis contribuições acerca do trajeto ora percorrido.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Conforme a propositura deste artigo, esta seção abriga um recenseamento orgânico das noções elencadas para servir de ferramental interpretativo da matéria “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), a lembrar: formação discursiva, enunciado, dispositivo e episteme. Entretanto, só é possível fazer um emprego efetivo desses se houver figurando no horizonte de uma análise o conceito de discurso. Para sanar tal necessidade que se faz presente, importa delinear o discurso como um conjunto relacional de sentidos cujas bases de manifestação são múltiplas a depender de um determinado prisma de observação. Nesse horizonte no qual o traçado epistemológico de discurso é pontualmente recobrado, Veyne (2011) afiança: “O discurso não é uma infraestrutura e também não é outro nome para a ideologia, seria antes o contrário, a despeito do que lemos e ouvimos todos os dias” (VEYNE, 2011, p. 50)².

É justamente a partir de uma perspectiva segundo a qual o discurso encontra-se desvinculado de certos pressupostos rígidos de compreensão das relações que se pode tomá-lo como objeto investigativo. Nesse direcionamento, Veyne (2011) ainda afiança: “Os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos” (VEYNE, 2011, p. 50-51). Portanto, em conformidade com a asserção veyneana sobre o discurso e algumas de suas percepções difundidas, explica Soares (2022), “o discurso não

² Cabe aqui uma explicação importante acerca da perspectiva adotada neste artigo, porquanto aqueles que se arrogam do “título” de analistas do discurso precisam frequentemente apontar suas origens como determinadoras do modo de se fazer tal investigação interpretativa. De maneira diametralmente contrária, adota-se aqui, como paradigma metodológico, o início da descolonização da Análise do Discurso, bem como a descreve Soares (2023) em “Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica”. Assim, os determinativos “francesa”, “anglo-saxã”, “foucaultiana”, “pecheutiana”, entre outros, que mais servem a propósitos eurocêntricos são deixados de fora deste texto, como um ato revolucionário, apenas para o uso romantizado de idealizadores de nichos compartimentados da Análise do Discurso.

é uma série de falsas percepções do que se pode chamar de realidade, mas, grosso modo, das interpretações segundo as quais se podem ver *os fatos, a realidade, as coisas*” (SOARES, 2022, p. 211).

Como há no aparato teórico-metodológico escolhido para esta investigação uma conexão orgânica entre os operadores interpretativos, a ligação entre esses é fundamental para serem estabelecidas as linhas mestras do processo analítico. Sob esse ângulo de compreensão, tem-se a necessária vinculação entre discurso, formação discursiva e enunciado empreendida por Foucault (2012) que, ao pontuar esses elementos, diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na formação discursiva, ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (...)” (FOUCAULT, 2012, p. 143). Em outros termos, um pouco mais gerais, o discurso manifesta-se em enunciados que, como explicita Soares (2022), “não se restringem unicamente às unidades linguísticas” (SOARES, 2022, p. 212), ancorados por formações discursivas, isto é, didaticamente, as formações discursivas funcionam como “guarda-chuva” de enunciados.

Por certo, o tratamento ofertado às formações discursivas, em sua amplitude de funcionamento, carece da compreensão sobre seu potencial rarefeito de dispersão de sentidos a partir de uma deflexão das relações de poder-saber existentes no corpo social. Nessa mesma delimitação acerca das formações discursivas, Foucault (2008a) assevera que “A análise das formações discursivas e de seu sistema de positividade em relação ao elemento do saber concerne somente a certas determinações dos acontecimentos discursivos” (FOUCAULT, 2008a, p. 112). Desse modo, o exame arqueogenalógico das formações discursivas permite, não apenas trazer à luz parcela significativa do saber envolvido em sua própria confecção, mas, sobretudo, as formas de poder pertencentes às estruturas de seus enunciados constitutivos. Nesse direcionamento, o sistema de positividade interno às formações discursivas é responsável tanto pela coerência de suas unidades de discurso quanto por uma recusa de assimetrias, ou seja, o sistema de positividade engendra outro segundo o qual as negatividades possuem um funcionamento tácito em relação diametral ou adjacente aos sentidos nucleares de uma determinada formação discursiva.

Uma vez que as formações discursivas existem por meio de complexos arranjos de enunciados em múltiplos dispositivos de dispersão de seus sentidos condutores, Foucault (2008a), afirma sobre a associação entre a formação discursiva e o enunciado, “Estamos agora diante de uma figura complexa. Ela pode e deve ser analisada simultaneamente como uma formação de enunciados (FOUCAULT, 2008a, p. 110). Em tom explicativo, Kremer-Marietti (1977), embasada no método arqueogenalógico, assegura: “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 121). Kremer-Marietti (1977), a esse mesmo respeito, afiança: “o enunciado é mais que um conjunto de signos reunido há um suporte material; eles supõem definições, regras, convenções de escrita” (KREMER-MARIETTI, 1977, p. 122).

Em perspectiva elucidativa, Deleuze (2017) declara acerca do enunciado: “este tem um objeto discursivo que não consiste, de modo algum, num estado de coisas visado, antes deriva, pelo contrário, do próprio enunciado” (DELEUZE, 2017, p. 19-20). Como tanto formação discursiva e enunciado funcionam segundo as possibilidades impostas pela ordem discursiva do dispositivo, impõe-se a compreensão desse elemento configurador. Nesse direcionamento, Veyne (2011) afirma que “O dispositivo é menos o determinismo que nos produz do que o obstáculo contra o qual reagem ou não reagem nosso pensamento e nossa liberdade” (VEYNE, 2011, p. 169). Veyne (2011), ainda sobre o dispositivo e seu impacto no circuito social, diz: “Seus efeitos sobre o conhecimento podem ser assim efeitos de poder” (VEYNE, 2011, p. 169).

Sobre o funcionamento do dispositivo, como um fator determinante na construção de práticas discursivas, Agamben (2005) sentencia: “O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e só enquanto tal e uma máquina de governo” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Segue-se da compreensão dessa operação realizada pelo dispositivo, que, guardadas as devidas proporções, seu impacto no corpo coletivo é gerir o processo de criação de subjetividades, sendo essas entendidas em seu aspecto, prioritariamente, social dos sujeitos inseridos no circuito no qual dispositivos monitoram, definem e revitalizam comportamentos, expectativas e, necessariamente, sentidos. Por essa razão, Agamben (2005) “se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação, é impossível que o sujeito do dispositivo o use “de modo justo”” (AGAMBEN, 2005, p. 15; aspas do autor). Ora, o desempenho do dispositivo faz com

que haja um registro e transformação das subjetividades, de maneira que seus sujeitos fiquem detidos em seus tentáculos de poder.

Na linha traçada no horizonte do dispositivo segundo a qual se verticaliza sua concepção aplicada àqueles disseminados no tecido social, Agamben (2005) destaca: “Aqueles que têm discursos similares são, de resto, a seu tempo, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Em outros termos, todo o complexo de elementos integrantes da mídia, jornais, sites, programas televisivos, entre outros, compõem o dispositivo midiático por meio do qual se alastram discursos que lhe são provenientes. De acordo com essa perspectiva, é aceitável dizer que existe um conjunto de dispositivos no circuito coletivo cujo papel é tanto disseminar sentidos quanto estabilizá-los, como aventa, *mutatis mutandis*, Agamben (2005) acerca do dispositivo midiático. Portanto, um representante de tal agrupamento discursivo pode ser considerado, por via metonímica, um dispositivo e, por conseguinte, o que se diz analiticamente a seu respeito estende-se, em alguma medida, ao seu determinado conjunto.

Como o dispositivo atravessa e constitui praticamente todas as sedes decisórias das relações de poder na sociedade, pode-se compreender uma rede de ancoragens do enunciado para com a formação discursiva que, por sua vez, é formatada e amplificada por dispositivos. Esses são estruturados segundo os fundamentos da episteme que rege a conjuntura na qual vigoram. Nesse caso no qual a episteme produz seus efeitos em determinado momento histórico, Foucault (2007) afirma que “(...) a episteme do mundo ocidental isola para nós o começo de certa maneira moderna de conhecer as empiricidades” (FOUCAULT, 2007, p. 343). O que traduz, conforme a densidade da explicação anterior, como a representatividade do conhecimento humano é, principalmente, o conjunto de elementos a partir dos quais a episteme manifesta-se. Aqui, para evitar algum tipo de mal-entendido, esclarece-se que episteme não é saber, porquanto esse difere daquela não apenas em sentido qualitativo, mas também em direcionalidade e permeabilidade, que somente a primeira possui.

Em vista do aprofundamento da distância entre saber e episteme, usa-se a seguinte asserção de Foucault (2007) para delimitar com maior propriedade o primeiro elemento da relação: “Saber consiste, pois, em referir a linguagem a linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar” (FOUCAULT,

2007, p. 55). Com essa definição de saber, pode-se alegar, sem o receio do equívoco, que esse liga-se à representação das coisas por palavras e, por uma extensão verticalizada, a episteme, por sua vez, refere-se à conjuntura na qual essas produzem poder operacionalizado no interior do circuito coletivo. A esse respeito e com maior precisão, Foucault (2007) declara: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme que define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 2007, p. 230). Então, a episteme é a responsável pelo gerenciamento do saber, de tal forma que a expressão desse está configurada em seus aparelhos de disseminação, como as formações discursivas, os enunciados e os dispositivos.

No horizonte tracejado acima, a episteme, ao ser analisada em suas manifestações, é capaz de fornecer parte significativa do *modus operandi* das relações de poder-saber existentes na sociedade. Por essa razão, aliada à propositura de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada, no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, que este recenseamento conceitual importa à aplicação da metodologia da Análise do Discurso segundo a qual se faz uma descrição tanto da materialidade do fenômeno de linguagem eleito para tal finalidade quanto das virtualidades sociais nele implicadas, de modo que essas são amplificadas sob as lentes das noções ora apresentadas. Feitas essas explicações, passa-se à efetiva investigação da matéria.

ANÁLISE: DISCURSO DA URBANIDADE NO TOCANTINS

Nesta seção, empreende-se a aplicação do ferramental teórico-metodológico exposto acima para que se possa investigar discursivamente as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024. Para que isso seja feito de maneira adequada e levando em consideração os princípios arqueológicos norteadores deste artigo, descreve-se adiante algumas das características do dispositivo no qual o enunciado, alvo deste exame, é produzido e, conseqüentemente, disseminado. Nesse direcionamento, encontra-se no portal do próprio site do G1 um conjunto de informações que orientam tanto o leitor quanto quem desconhece seu conteúdo. No início

da página, sem um autor, diz-se que: “O G1 é o portal de notícias da Globo e líder de audiência no jornalismo digital no Brasil” (G1, 2024).

Como o G1 identifica-se, traz ao plano argumentativo parte de seu compromisso com as principais estruturas de poder organizador dos dispositivos de informação, já que tal empresa é integrante de um conglomerado de outras cuja propositura comunicacional é fundamentada nos interesses políticos e econômicos historicamente elitizados, e, como afirma Soares (2018), “O grupo Abril e o grupo Globo são os maiores detentores dos meios de produção e veiculação de notícias, havendo entre ambas densas afinidades ideológicas, o que contrai as possibilidades de acesso às informações menos enviesadas” (SOARES, 2018, p. 193). Diante dessa perspectiva na qual se enquadra o dispositivo propagador do enunciado sob exame, pode-se afirmar, não por mera inferência, mas por constatação do contágio de conteúdo, que o G1 se manifesta em seus enunciados mediante a representação de uma predeterminada ordem discursiva que, por sua vez, é conduzida por uma ordem de relações de poder no interior do circuito coletivo.

A liderança apontada pelo domínio eletrônico do jornal refere-se ao próprio monopólio que esse exerce, como um dos princípios dispositivos midiáticos do Brasil contemporâneo, sobre a arquitetura e circulação da informação no país. Desse modo, a auto conferência agrega ao dispositivo em questão seu valor pujante frente a outras plataformas de mesma natureza, outorgando-se um lugar de importância. Mesmo que essa declaração não fosse absolutamente correspondente às métricas de verificação, é inegável o papel de destaque alcançado por esse portal de notícias, o que, per si, torna o dispositivo um dos de maior alcance da América latina, possuindo, como se pode averiguar em seu site, uma filial para cada Estado da Federação brasileira. Portanto, sua permeabilidade e alcance fazem do dispositivo do G1 um rico encontro das relações de poder no tecido social e, ao mesmo tempo, transformam as práticas discursivas, engendradas em enunciados como “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), uma verdade complementada por veículos de comunicação adjacentes.

Conforme a descrição acima, pode-se alegar que o referido dispositivo se trata de um veículo de mídia responsável por divulgar sentidos vinculados a uma matriz de conhecimento predominantemente conservadora, dado suas filiações e o verificável histórico de produção de enunciados. Nesse direcionamento interpretativo no interior do

qual se encontra o texto alvo deste artigo, a tessitura textual da matéria sob análise é de fundamental relevância para se descrever e compreender seus processos aí utilizados. Portanto, abaixo encontra-se a notícia que possui, em negrito, seu título, seguido do subtítulo e dos dois primeiros parágrafos do texto, que repercutem a totalidade dos principais elementos trazidos à baila pela temática abordada na orientação de leitura do enunciado.

Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins

Aumento é de quase 200% em comparação com o último levantamento do IBGE, de 2010. Entretanto, a maioria dos tocaninenses mora em casas.

A maior parte dos tocaninenses vivem em casa como tipo de domicílio. Mas o número de pessoas que optaram por morar em apartamentos pulou de 12.836 em 2010 para 38.120. É o que mostrou os dados do Censo 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados são relativos às características de domicílios e a quantidade de pessoas em 2022 nesse tipo de moradia representa 2,5% da população do estado. O número aumentou 196% em 12 anos. Já no ano 2000, segundo o IBGE, apenas 2.582 tocaninenses moravam em apartamento (LAURIS, 2024).

Em vista do caráter argumentativo para o qual se emprega números, associados à produção de verdades de outro dispositivo social, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a principal informação que se extrai do excerto é a do aumento de apartamentos no Estado do Tocantins. Todavia, por uma orientação discursiva dada ao dispositivo no qual o enunciado encontra-se, o aspecto histórico envolvido em tal crescimento de um tipo de moradia é apagado, deixando, ao leitor, uma interpretação livre para esse acontecimento, ou melhor, perfazendo uma leitura desvinculada das principais circunstâncias às quais essa ocorrência está atrelada. Eis, na constituição textual do enunciado sob exame, os efeitos discursivos da formação discursiva conservadora, que comumente preserva determinadas relações de poder, como no caso em que o crescimento de apartamentos para moradia soa como crítica. Acerca desse funcionamento agregado ao sentido da matéria, tem-se a seguinte explicação de Orlandi (2011) que o elucidada: “organização urbana, está ligada ao imaginário projetado sobre a cidade, tanto pelos seus habitantes como pelos especialistas do espaço, como urbanistas, administradores etc. que, assim, se relacionam com a cidade através desse imaginário” (ORLANDI, 2011, p. 694).

A construção da relação entre o discurso e seu objeto, no caso a disposição de moradias em cidades tocaninenses, faz-se por meio do recurso da materialização da

formação discursiva conservadora no enunciado em questão, segundo a qual o aumento de apartamentos não é um mero indicativo do crescimento populacional, já que para constatar esse fato seria suficiente o dizer sem mencionar o tipo de residências escolhidas em um determinado recorte temporal. Esse expediente, para além de trazer uma informação facilmente verificável mesmo pela empiria, emprega a lógica matemática para subsidiar o fundamento de que há um crescimento na escolha de apartamentos ao invés de casas. Nessa perspectiva, a formação discursiva, engendrada na constituição do próprio dispositivo, fundamenta-se na formatação do enunciado ao precipitá-lo na problemática urbanista da segurança pública.

Não sem razão o acontecimento discursivizado na notícia sob escrutínio vincula-se ao tema da segurança pública, porquanto, como afirma Santos (1994), uma das possibilidades de crescimento em um país profundamente desigual como o Brasil, para além da fundação de sítios autogeridos e isolados da pobreza, como condomínios de alto padrão, é justamente por meio da verticalização das construções. No tocante ao funcionamento das relações de poder verticalizadas em formas de controle, Foucault (2008b) afiança: “(...) a soberania se exerce em um território, a disciplina tem como alvo o indivíduo, e, por fim, a segurança se exerce sobre o conjunto de uma população” (FOUCAULT, 2008b, p. 16). De acordo com a proposição aventada por Foucault (2008b), é possível apontar o projeto de urbanização e suas implicações na manifestação das cidades como derivadas das relações de poder, sobretudo, porque o tripé descrito, soberania, disciplina e segurança, proporciona e/ou modifica uma série de possibilidades de discursivizá-los e, conseqüentemente, redimensiona os sentidos segundo determinados dispositivos sociais que deles possam fazer usufruto.

A partir do direcionamento apresentado, entende-se que o dispositivo midiático possui enorme força na representatividade dos discursos e, por conseguinte, um de seus efeitos é o adensamento nas relações de poder, quando da produção e circulação de enunciados cujo núcleo da formulação reside na formação discursiva conservadora, como é o caso de “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024). Sob esse ângulo, a descrição urbana do crescimento de um tipo de moradia que se difere da casa, contida no enunciado sob investigação, volta-se para projeção de diferenças menos evidentes, como já delineadas, pois se trata, com menor intensidade, do fenômeno social da urbanidade (SANTOS, 1994) e de seus

impactos diretos e indiretos na vida em coletividade. Em outros termos mais específicos, o traçado discursivizado na matéria perfaz a noção, já bastante disseminada pelo senso comum, que os centros das cidades são os melhores lugares, por conta de acessibilidade facilitada a bens e serviços e, sobretudo, por uma visão garantidora de segurança.

Com base nos dados disponibilizados no enunciado em questão, a partir dos sentidos norteadores da formação discursiva conservadora segundo a qual o núcleo do poder emana dos centros urbanos e, gradualmente, espraia-se para suas redondezas, de maneira a configurar o espaço das cidades tocantinenses inicialmente com casas circunvizinhando o eixo das principais zonas de poder que, segundo a narrativa trazida do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cujo recorte temporal é de doze anos, recebe um gradiente abundante de apartamentos. Tal composição argumentativa, performatizada por essa formação discursiva conservadora no dispositivo midiático, apresenta, na tessitura do corpo social, o poder disciplinar em sua forma menos analisada até então, porque se acredita no postulado segundo o qual a sociedade disciplinar deu passagem à sociedade do desempenho. Nesse paradigma de compreensão dos fenômenos relacionados às relações de poder e suas eventuais repercussões, Han (2017) preconiza: “A sociedade de hoje não é primordialmente uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, que está cada vez mais se desvinculando da negatividade das proibições e se organizando com uma sociedade da liberdade” (HAN, 2017, p. 79).

Tomada a propositura de Han (2017), acerca da atual sociedade do desempenho sem o modalizador “primordialmente”, uma leitura da formação discursiva conservadora sobre o corpo social e sua disposição no circuito urbano das cidades tocantinenses, voltada para a configuração na qual os cidadãos, para obter maior sensação de segurança e os benefícios e as facilidades que os centros comerciais (e residenciais) oferecem, preferem conformar-se à moradia em apartamentos, estaria equivocada, pois consideraria o saber imbuído no enunciado como mero reflexo do alto desempenho do estágio contemporâneo do capitalismo. Ora, aqui se verifica, na estruturação discursiva do enunciado “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), a disciplinarização do corpo social tocantinense de acordo com a visada na qual os edifícios, onde os apartamentos estão alocados, funcionam sob o regime tanto de aglomeração quanto de vigilância de seus moradores.

Justamente em vista de tal direcionamento das relações de poder encontrado na notícia, publicada no dispositivo midiático do G1, precisa-se uma formação discursiva segundo a qual funciona a conservação do poder disciplinar da distribuição do espaço urbano, ou nos próprios termos de Foucault (2014), sobre essa possibilidade de controle, “O aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo vir perfeitamente. Um ponto central seria ao mesmo tempo fonte de luz que iluminasse todas as coisas, e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido” (FOUCAULT, 2014, p. 170). Desse mirante interpretativo, segue-se que o conjunto de apartamentos, cujo nome varia entre prédio e torre, mantendo o campo semântico, valida a arquitetura disciplinar do controle já que, nas palavras de Foucault (2014), “O poder disciplinar é com efeito um poder que, invés de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar” (FOUCAULT, 2014, p. 167).

A proporcionalidade do poder disciplinar (FOUCAULT, 2014) disperso no circuito coletivo e sua relação com o controle do corpo social, quando descrita a partir do discurso da urbanidade impresso nas teias do enunciado sob exame e sua formação discursiva conservadora, faz-se presente por sua vinculação à transição das relações de poder hierárquicas, verticais, para, mutatis mutandis, as igualitárias, horizontais, já que, ainda que de fato haja uma reordenação de fatores socioeconômicos distribuídos na virtualidade representativa da sociedade contemporânea, a residência, e, conseqüentemente, seus atributos no espaço da cidade na qual ocupa, refere-se à disciplina imposta, principalmente, pelo sistema capitalista vigente. Frente a tal aproximação elucidativa, encontra-se o necessário amparo axiológico para analisar as projeções discursivas existentes em “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024) como integrantes compósitos não apenas do dispositivo midiático, G1, da conformação argumentativo-textual do enunciado e mesmo da formação discursiva conservadora, mas, sobretudo, da episteme corrente.

Ao traçar os contornos do dispositivo midiático, da estrutura do enunciado em questão e da formação discursiva conservadora manifestada em seu interior, chega-se, pelo movimento orgânico dos operadores analíticos eleitos para esta investigação, à episteme. Vale lembrar que essa, de acordo com as palavras de Foucault (2007), “define as condições de possibilidade de todo saber” (FOUCAULT, 2007, p. 230) que molda um

determinado período histórico, de maneira que o estudo desse, em boa medida, equivale ao conhecimento daquela em uma perspectiva arqueogenealógica. Uma vez que esta abordagem contempla a compreensão, ainda que microscópica, da episteme, ressalta-se o caráter preliminar de descrição da episteme por meio de um enunciado, como “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), e suas condições de circulação no dispositivo midiático. Assim, o que se aponta, como descrição interpretativa, da episteme é, entre outros elementos, uma parcela de seu funcionamento no discurso da urbanidade acerca do aumento de moradores de apartamentos no Tocantins.

Ao tocar a episteme, encontra-se parte significativa do saber-poder que formata a possibilidade da notícia, difundida pela formação discursiva conservadora, veiculada pelo dispositivo midiático do G1 e justifica sua articulação na tessitura de saberes dispersos acerca da temática do discurso da urbanidade na contemporaneidade, em específico quando esse se encontra na exposição da proporção do crescimento de moradias em apartamentos no Tocantins de 2010 a 2022. Nesse direcionamento perfilado, a episteme atual, sob a qual se forja o enunciado sob análise e seus complexos adjacentes de sentidos, pode ser designada por desenvolvimentista, já que um de seus núcleos capilarizados, tanto pela formação discursiva quanto pelo enunciado, volta-se para o procedimento de observação crítica do tempo e espaço com o objetivo de apresentar algum progresso, como ocorre com inúmeras produções discursivas segundo a toada de revisitar dados do passado e compará-los com os novos de presente.

A episteme desenvolvimentista, cujo cerne de seu saber-poder, torna o momento presente um contínuo desdobramento, sobretudo, no tocante axiologicamente positivo, observada a partir das relações entre o enunciado “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), seu dispositivo de produção e dispersão, sua formação discursiva integrante, permite compreender a fundamentação das mudanças no discurso da urbanidade no Tocantins, segundo determinado recorte temporal. Essas organizam, ainda que de forma contraditória quando refletida a formação discursiva conservadora, a propagação de uma urbanização tocaninense no interior da qual o acontecimento discursivo é, entre outros elementos já abordados, uma retrospectiva do que já ocorreu em outras regiões mais densamente povoadas do país. Desse modo, a episteme desenvolvimentista que se alastra por

incontáveis enunciados dispersos no circuito social não obstaculiza o engendramento de saber-poder por uma formação discursiva conservadora, ao contrário, essa lhe fomenta o componente contraditório necessário para sua proliferação.

Diante da conexão orgânica entre enunciado, dispositivo, formação discursiva e episteme verifica-se que a notícia em questão, publicada no portal de informações G1, em 4 de março de 2024, serve ao propósito delineado pelo saber-poder, aqui apontado pela episteme desenvolvimentista, de organizar as informações dispersas nos dispositivos de controle, como IBGE, sob a égide moderna do crescimento do uso de apartamentos como residências, ao passo que a formação discursiva conservadora impressa na tessitura argumentativa do texto parece soar como uma crítica, haja vista existir uma larga possibilidade de aumento das residências tradicionais, casas, por conta da pouca densidade populacional no Estado do Tocantins. Portanto, a formação discursiva, para além de seu papel de “sistema de positividade em relação ao elemento do saber” (FOUCAULT, 2008a, p. 112), no enunciado sob análise cumpre a função de ratificação, pela contradição, da episteme desenvolvimentista que, por sua vez, pode ser percebida como o saber-poder do tempo presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de examinar as relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024), foi mobilizado o aparato analítico arqueogenalógico da Análise do discurso sob a égide dos conceitos de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme. Por meio desse expediente, percorreu-se o processo de interpretação investigativa mediante a descrição perquiridora cabível à aplicação dos operadores discursivos mencionados para alcançar a propositura traçada para este artigo. Nesse direcionamento sob o empreendimento examinador realizado, pode-se afirmar que seu escopo, além de elementos adjacentes, foi exitoso, ainda que seja possível a outros procedimentos perscrutadores desta mesma natureza encontrarem mais relações de poder implicadas ao discurso presente no mesmo enunciado.

Em uma perspectiva de recenseamento do que se encontrou neste estudo, destaca-se o perfil do dispositivo no qual o enunciado alvo foi produzido e disseminado, segundo a ordem discursiva da mídia contemporânea, porquanto é relativamente conservador,

dado o teor impresso em muitos de seus textos (SOARES, 2018) e permite ao enunciado sua filiação à formação discursiva conservadora, mesmo que isso não se dê explicitamente com marcas prevalentes, como verificado na análise. Em vista desse funcionamento, averiguou-se que o aumento de moradores de apartamentos no Tocantins retrata, conforme determinadas relações de poder-saber observadas pela promoção do exame, uma condição vinculada ao regime epistêmico do momento presente, intitulada didaticamente por episteme desenvolvimentista. Essa, como arregimentadora de saber, configura-se como estruturante das relações sociais e, conseqüentemente, do discurso da urbanidade.

Com efeito, foi possível aferir a não proporcionalidade, geradora de dissimetria, entre a formação discursiva conservadora e a episteme desenvolvimentista cujo principal impacto em investigações menos consistentes é a crença de que há antagonismo entre a formação discursiva e a episteme vigente, entretanto, percebeu-se que uma alimenta-se da outra no circuito de promulgação de informações, sobretudo, quando essas se referem ao uso do espaço urbano em regiões em franco crescimento populacional, pois, assim, a contradição como refratária do processo de compreensão das propriedades positivas ou favoráveis ao crescimento de residentes de apartamentos no Tocantins também é passível de apuração em um dado enunciado, como o alvo deste artigo, sem a necessidade de retoques de outros enunciados produzidos no interior de formações discursivas de outra orientação acerca das relações poder.

Por fim, compreendeu-se que o discurso da urbanidade, além de representar os traçados políticos envolvidos na ocupação do espaço social (SANTOS, 1994), promove, principalmente quando aborda o desempenho estrutural de cidades em expansão, como é o caso das tocantinenses, uma tensão entre o saber percebido, e suas relações de controle, com o saber produzido, e suas pretensões de neutralidade. Portanto, como se procurou nas relações de poder constituintes do discurso da urbanidade presente na notícia “Número de pessoas que moram em apartamento cresce de 12 mil para 38 mil no Tocantins” (LAURIS, 2024) entender as implicações de tal discurso, encontrou-se, mediante aplicação metodológica dos procedimentos interpretativos mencionados, não apenas essas, mas, ao mesmo tempo, deparou-se com as condições sob as quais a matéria, em questão, engendra tanto os efeitos de uma determinada composição discursiva quanto o saber-poder que a modula.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, n. 5, Santa Catarina, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KREMER-MARIETTI, A. **Introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Trad. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ORLANDI, E. P. A Casa e a Rua: uma relação política e social. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18491>. Acesso em: 6 mar. 2024.

SANTOS, N. **A urbanização brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SOARES, T. B. Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica. **Periferia**, [S. l.], v. 15, p. e74881, 2023. DOI: 10.12957/periferia.2023.74881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/74881>. Acesso em: 26 jul. 2024.

SOARES, T. B. **Percursos Discursivos: heterogeneidades epistemológicas aplicadas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, T. B. **Vozes do sucesso: uma análise dos discursos sobre os vícios e virtudes da voz na mídia brasileira contemporânea**. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2018.

SOBRE O G1. **G1**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2024.

VAYNE, P. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques Morais. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.